

Tecnologias sociais a partir dos processos próprios de aprendizagens Guarani e Kaiowá

Social technologies from the Guarani and Kaiowá learning processes themselves

Tecnologías sociales a partir de los procesos propios de aprendizajes Guarani y Kaiowá

Marinês Soratto¹

Adir Casaro Nascimento²

Gustavo dos Santos Souza²

DOI: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v32i72.2245>

Resumo: Este estudo propõe reflexões a partir da pesquisa “Diálogo de saberes: um encontro entre distintos sistemas de conhecimentos com o Povo Guarani e Kaiowá – produção de novas tecnologias sociais”, o qual teve como objetivo investigar os modos de saber e fazer Guarani e Kaiowá na Aldeia Taquaperi, em Coronel Sapucaia-MS, no que se refere aos conhecimentos tradicionais, no contexto das tecnologias sociais, cujos resultados são difusos, porém não alcançam o sistema educativo. Para isso, buscou-se compreender os modos de saber e fazer Guarani e Kaiowá em diálogo com os conhecimentos ocidentais, destacando as contribuições dos saberes tradicionais para a construção de alternativas educativas, sociais e culturais outras. O estudo está fundamentado nos estudos pós-coloniais (Mato, 2008; Mignolo 2020; Santos, 2007; Walsh, 2009) de modo que a investigação se construiu no diálogo com os intelectuais indígenas (Benites, 2009; Domingues, 2021; Lescano 2016 e 2024; Lescano 2021) e com os professores e a comunidade indígena da Aldeia Taquaperi. Neste contexto, percebe-se que as tecnologias sociais dos Guarani e Kaiowá estão relacionadas à oralidade, à espiritualidade, à relação com o território, à coletividade e às experiências vividas em comunidade e o diálogo de saberes é apresentado como possibilidade de construção de práticas educativas mais plurais, voltadas ao reconhecimento das diferenças epistemológicas e cosmológicas presentes na produção do conhecimento.

Palavras-chave: tecnologias sociais; processos próprios de aprendizagens; saberes indígenas.

Abstract: This study proposes reflections from the research “Dialogue of knowledge: a meeting between different systems of knowledge with the Guarani and Kaiowá people – production of new social technologies”, which aimed to investigate the ways of knowing and doing Guarani

¹ Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande (SEMED), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

² Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

and Kaiowá in the Taquaperi Village, in Coronel Sapucaia-MS, regarding traditional knowledge, in the context of social technologies, whose results are diffuse but do not reach the educational system. For this, we sought to understand the ways of knowing and doing Guarani and Kaiowá in dialogue with Western knowledge, highlighting the contributions of traditional knowledge to the construction of educational, social and cultural alternatives. The study is based on post-colonial studies (Mato, 2008; Mignolo 2020; Santos, 2007; Walsh, 2009) so that the investigation was built in dialogue with indigenous intellectuals (Benites, 2009; Domingues, 2021; Lescano 2016 and 2024; Lescano 2021) and with the teachers and the indigenous community of Taquaperi Village. In this context, it can be seen that the social technologies of the Guarani and Kaiowá are related to orality, spirituality, relationship with the territory, the collectivity and experiences lived in community and the dialogue of knowledge is presented as a possibility for building more plural educational practices, capable of recognizing the epistemological and cosmological differences present in the production of knowledge.

Keywords: social technologies; own learning processes; indigenous knowledge.

Resumen: Este estudio propone reflexiones a partir de la investigación “Diálogo de saberes: un encuentro entre distintos sistemas de conocimiento con el pueblo Guarani y Kaiowá – producción de nuevas tecnologías sociales”, que tuvo como objetivo investigar los modos de saber y hacer Guarani y Kaiowá en la Aldea Taquaperi, en Coronel Sapucaia-MS, en lo que se refiere a los conocimientos tradicionales, en el contexto de las tecnologías sociales, cuyos resultados son difusos, pero no alcanzan al sistema educativo. Para ello, se buscó comprender los modos de saber y hacer Guarani y Kaiowá en diálogo con los conocimientos occidentales, destacando las contribuciones de los saberes tradicionales a la construcción de alternativas educativas, sociales y culturales otras. El estudio se basa en los estudios poscoloniales (Mato, 2008; Mignolo 2020; Santos, 2007; Walsh, 2009) de modo que la investigación se construyó en el diálogo con los intelectuales indígenas (Benites, 2009; Domingues, 2021; Lescano 2016 y 2024; Lescano 2021) y con los profesores y la comunidad indígena de la Aldea Taquaperi. En este contexto, se percibe que las tecnologías sociales de los Guarani y Kaiowá están relacionadas con la oralidad, la espiritualidad, la relación con el territorio, a la colectividad y a las experiencias vividas en comunidad y el diálogo de saberes se presenta como posibilidad de construcción de prácticas educativas más plurales, capaces de reconocer las diferencias epistemológicas y cosmológicas presentes en la producción del conocimiento.

Palabras clave: tecnologías sociales; procesos propios de aprendizajes; saberes indígenas.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo propõe reflexões a partir da pesquisa “*Diálogo de saberes: um encontro entre distintos sistemas de conhecimentos com o Povo Guarani e Kaiowá – produção de novas tecnologias sociais*”³, o qual teve como objetivo investigar os modos de saber e fazer Guarani e Kaiowá na Aldeia Taquaperi, localizada no município de Coronel Sapucaia-MS, no que se refere aos conhecimentos tradi-

³ Pesquisa aprovada na Chamada Fundect/CNPq 29/2022 – Programa de Apoio à Fixação de Jovens Doutores em MS.

cionais, no contexto das tecnologias sociais, cujo resultados são difusos, porém não alcançam o sistema educativo.

A pesquisa foi desenvolvida com apoio da Chamada Fundect/CNPq 29/2022⁴ – Programa de Apoio à Fixação de Jovens Doutores em MS, entretanto os dados apresentados não se resumem ao período de tempo sinalizado pelo edital. A relação com esta comunidade e os conhecimentos produzidos são fruto de um vínculo criado a partir da Ação Saberes Indígenas na Escola MEC/SECADI⁵, em 2013, e que se estende até os dias atuais.

Ao longo dos anos nesta parceria, percebemos a escola como um lugar privilegiado para veicular saberes provenientes de outras tradições e para a criação de espaços pedagógicos de troca e ressignificação de conhecimentos que se encontram e desencontram nas suas diferenças epistemológicas e cosmológicas. Então, buscamos contextualizar e refletir sobre os modos de saber e fazer Guarani e Kaiowá, adotando a concepção de tecnologias sociais como categoria analítica e tomando as pedagogias próprias desses povos enquanto fundamento para a produção de suas tecnologias sociais.

Para Dagnino (2014), as tecnologias sociais representam alternativas ao modelo tecnológico convencional, por serem construídas de forma participativa, voltadas às necessidades das comunidades e comprometidas com processos de desenvolvimento social, econômico e ambiental, rompendo com a lógica de reprodução das desigualdades produzidas pelo modelo técnico-científico dominante.

Embora o conceito de tecnologia social tenha sido desenvolvido, em grande parte, no campo das políticas públicas e da inovação social, propomos uma ressignificação. No contexto indígena, as tecnologias sociais ultrapassam a dimensão técnica dos artefatos ou dos processos produtivos, passando a abarcar modos de viver, ensinar, aprender e cuidar do território, construídos coletivamente ao longo das gerações.

⁴ A chamada propôs o apoio à projetos desenvolvidos em diferentes temáticas, dentre elas a Tecnologia Social, definida no edital como "um conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida".

⁵ Regulamentada pela Portaria nº 98, de 06/12/2013, a ação visa ofertar cursos específicos de formação continuada para professores indígenas que atuam, preferencialmente, nos anos iniciais do ensino fundamental.

Nessa perspectiva, compreendemos as tecnologias sociais Guarani e Kaiowá como processos coletivos produzidos no interior da comunidade, fundamentados nas pedagogias próprias, por meio das quais os saberes são produzidos, compartilhados, atualizados e transmitidos entre as gerações. Essas tecnologias manifestam-se nas práticas relacionadas à oralidade, à língua guarani, à espiritualidade, ao manejo do território, à medicina tradicional, às casas de reza, às roças, aos rituais e às formas comunitárias de organização social, constituindo estratégias de manutenção da vida, da identidade e da continuidade cultural.

Sob essa perspectiva, as tecnologias sociais não são compreendidas apenas como soluções técnicas para problemas específicos, mas como processos educativos, culturais e políticos produzidos nas relações entre comunidade, território, ancestralidade e espiritualidade. Constituem, portanto, em pedagogias próprias de produção e circulação de saberes que expressam racionalidades próprias e possibilitam o diálogo entre diferentes sistemas epistemológicos, sem subordinar os saberes indígenas ao conhecimento científico moderno.

Sob essa perspectiva, entende-se que as tecnologias sociais Guarani e Kaiowá não seguem o conceito ocidental, pois para eles as tecnologias sociais não voltadas às questões mercadológicas e sim para preservação cultural, o bem estar coletivo, a saúde e o bem-viver de seus parentes. Enquanto no ocidente, tem-se a ideia de tecnologia social como instrumentos/ferramentas, para os povos indígenas são metodologias próprias, fazeres específicos que envolvem a espiritualidade, a cosmovisão, o território, sendo a cultura um aspecto indissociável deste processo⁶.

No âmbito desta pesquisa, os termos, saberes e conhecimentos são usados de formas distintas, porém complementares. O termo conhecimento envolve uma produção sistematizada, com base técnica e analítica, no qual são formulados critérios para compreender ou transformar a realidade, enquanto o saber diz respeito a um conjunto mais amplo e contextualizado de experiências, construído a partir da vivência, da oralidade e das relações cotidianas. Trata-se de uma forma de entendimento do mundo que é local, holística e relacional, enraizada em cosmovisões ancestrais e coletivas.

⁶ A exemplo, o fazer da roça tradicional Guarani e Kaiowá não utiliza de estudos e planejamentos agrônômicos, mas da tradição oral que transmite os saberes necessários para que se produzam os alimentos, para que saibam em que época plantar, quando colher, como tratar. A cosmologia Guarani Kaiowá permeia todo o processo.

Salientamos que tal diferenciação não implica uma hierarquização entre *conhecimento* e *saber*. Trata-se, sobretudo, de diferenciar a forma como são produzidos e a sua origem, reconhecendo a validade e relevância de ambos, e, mais ainda, a possibilidade da interculturalidade e o hibridismo que emergem dessas relações.

Diante disso, foram realizados estudos teórico-metodológicos para orientar a realidade vivenciada, fundamentada nos estudos pós-coloniais e decoloniais (Mato, 2008; Mignolo 2020; Santos, 2007; Walsh, 2009) de modo que os processos investigativos se estabelecessem num diálogo com os intelectuais indígenas (Benites, 2014; Domingues, 2021; Lescano, 2016, 2021, 2024), juntamente com os professores e a comunidade indígena da Aldeia Taquaperi, situada no município de Coronel Sapucaia-MS.

A pesquisa, de natureza qualitativa, fundamenta-se nas perspectivas pós-colonial e decolonial, adotando o diálogo de saberes como princípio metodológico para construir interpretações em conjunto com a comunidade Guarani e Kaiowá, reconhecendo seus saberes como referenciais legítimos de produção do conhecimento.

Os dados da pesquisa foram produzidos no período de 2023 a 2025⁷, aprofundando nosso vínculo com a comunidade e possibilitando a vivência de momentos que contribuíram significativamente para o estudo, assim como para o fortalecimento da relação construída ao longo da participação na Ação Saberes Indígenas na Escola (desde 2013). Essa proximidade abriu caminhos para que, por meio das convivências no campo — incluindo rodas de conversa, diálogos informais, observação de atividades escolares e comunitárias, bem como entrevistas — fosse possível compreender e apreender os processos próprios de aprendizagens e sua articulação com a territorialidade, a espiritualidade, a coletividade, a epistemologia e a língua Guarani. Dessa forma, as nossas convivências e trocas buscaram compreender os processos próprios de aprendizagem como tecnologias sociais produzidas pelos Guarani e Kaiowá e suas contribuições para o diálogo entre diferentes sistemas de saberes no campo da educação.

Frente a isso, compreende-se que os conhecimentos produzidos historicamente vêm sendo tensionados na relação entre os saberes indígenas e os saberes

⁷ Período de execução da Chamada Fundect/CNPq 29/2022 – Programa de Apoio à Fixação de Jovens Doutores em MS (2023-2025).

ocidentais, possibilitando a desconstrução de concepções enrijecidas e naturalizadas na visão hegemônica e universal, construídas pelo projeto de colonização que invisibilizou e desterritorializou as comunidades indígenas – especialmente no estado de Mato Grosso do Sul –, impactando profundamente seus modos de vida, suas formas de organização e suas epistemologias.

Nesse contexto, torna-se necessário revisitar os conhecimentos pelos quais fomos produzidos e valorizar outras formas de aprender, que fazem parte da diversidade de experiências e de saberes existentes. Assim sendo, mais do que produzir dados, essa investigação buscou tecer vínculos e reconhecer a legitimidade de outros modos de existência e conhecimentos, valorizando a interculturalidade, a memória coletiva e os territórios como espaços pedagógicos, além de reafirmar a importância dos saberes tradicionais indígenas como alternativas para os desafios contemporâneos, tanto para as suas comunidades quanto para outras sociedades.

2 TECNOLOGIAS SOCIAIS: DIÁLOGO COM OS CONHECIMENTOS GUARANI E KAIOWÁ E OS CONHECIMENTOS OCIDENTAIS

Entendemos como tecnologia tudo aquilo que os sujeitos inventam e criam para facilitar a sua vida cotidiana e satisfazer as suas necessidades. Na etimologia do termo, tecnologia deriva dos vocábulos gregos *tekhné* (arte, indústria, habilidade) e *logos* (argumento, discussão, razão), ou seja, pode-se dizer que tecnologia se constitui num conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas que permitem o aproveitamento prático do meio em que vivem, para facilitar e aprimorar uma atividade em torno de um fazer determinado.

Sardelich (2012), ao estudar as tecnologias da informação e comunicação, enfatiza que muitas vezes atribuímos o sentido de tecnologia apenas aos meios de informação e comunicação, sem perceber que os sujeitos, em suas organizações sociais, mesmo em tempos mais remotos, sempre criaram meios e recursos para facilitar suas vidas, ampliando limites e possibilidades de convivência, sobrevivência e desenvolvimento, produzindo tecnologias sociais.

Assim sendo, podemos dizer que tecnologias sociais são o resultado de processos coletivos, que envolvem adaptação, conhecimento e vivência para resolver situações cotidianas, utilizando meios e recursos disponíveis de maneira sustentável para produzir, transmitir e ressignificar conhecimentos ao contexto sociocultural em que vivem. Dessa forma, compreendem produtos, técnicas e/ou

metodologias que abrangem todo um conjunto de saberes e fazeres para atender necessidades locais e específicas – não produzidas pela ciência acadêmica – e, diante disso, podem representar soluções efetivas de transformação social para problemas que as políticas públicas, pensadas em contextos universais, não conseguem alcançar.

Seguindo nessa perspectiva, trazer as tecnologias sociais produzidas pelos povos Guarani e Kaiowá no âmbito do diálogo de saberes, para o contexto escolar (educação básica, ensino superior, pós-graduação), se constitui num elemento fundamental para entender o encontro entre distintas formas de pensar, ser e estar no mundo, possibilitando reflexões acerca das diferenças epistemológicas, sociais, culturais, ambientais e econômicas.

Em nossos estudos, temos observado que as tecnologias sociais desenvolvidas pelo povo Guarani e Kaiowá, a partir dos seus conhecimentos tradicionais, no diálogo com os conhecimentos de viés ocidental, revelam formas específicas de enfrentar os desafios trazidos pelo contato ou pelos avanços da modernidade, tanto para as sociedades indígenas quanto não indígenas, se constituindo um espaço de interculturalidade, onde diferentes formas de conhecer se encontram sem que uma anule ou hierarquize a outra.

Para tanto, essas tecnologias não se referem apenas a produtos físicos, mas também a conhecimentos que envolvem saberes e fazeres próprios da pedagogia tradicional, que garantem formas próprias para a existência cultural, social, política e econômica de cada grupo, abarcando formas de organização social e o manejo dos recursos naturais na utilização de remédios medicinais, produção de roças, construção de habitação, confecção de artefatos para uso doméstico e de seus rituais.

Os saberes indígenas, embora historicamente invisibilizados, constituem-se em uma forma de ciência outra, a qual emerge de cosmovisões próprias, profundamente enraizadas na ancestralidade, na oralidade, na espiritualidade e na relação com o território. Esses sistemas de conhecimento foram sistematicamente silenciados pela imposição da racionalidade moderna ocidental, que ainda persiste na forma como as políticas públicas são desenhadas e implementadas, pautadas na ideia de uma nação monocultural e homogeneizadora, que ignora a diversidade cultural e epistêmica existente. Para tanto, reconhecer essas ciências outras é um passo fundamental para a construção de uma sociedade plural onde

essas tecnologias sejam apropriadas pela humanidade na busca de soluções para o universo.

Existem numerosas práticas indígenas que estão intimamente ligadas aos seus conhecimentos tradicionais, que orientam suas formas de existência, de *ser* e *estar* no mundo, buscando a harmonia com a natureza e com a espiritualidade, sustentos da ancestralidade, mas que, também, se ressignificam no tempo e espaço que se encontram. A nossa convivência com essas comunidades tem nos mostrado que, apesar da violência explícita que provocaram e provocam ao longo da história o genocídio, o epistemicídio, o linguicídio, o proselitismo e a desterritorialização, a vivência em seus cotidianos é fortemente marcada pelas suas tradições, pelo o uso da língua indígena em todos os espaços (inclusive na escola) pela manutenção de espaços pedagógicos como os rituais, a dança, as casas de reza, as roças, as bebidas (de milho e mandioca).

Portanto, ao refletir e questionar sobre como os saberes e fazeres Guarani e Kaiowá são produzidos, compartilhados e atualizados na comunidade, bem como perpassam pelo espaço escolar e dialogam com os conhecimentos oriundos do paradigma ocidental, torna-se evidente que esses saberes são importantes para a existência epistemológica e cosmológica dos povos indígenas – dentro da sua visão de mundo e seus processos próprios de aprendizagens.

Cabe ressaltar que a escola não é um ambiente neutro, ela é reflexo da sociedade, das mudanças e transformações impostas pelo mundo moderno e capitalista e, lembrando que somos frutos de um processo histórico colonizador, esta instituição acaba sendo um instrumento de legitimação de grupos específicos e dominantes. Com isso, diferentes grupos sociais com aspectos culturais e organizações sociais diferentes acabam sofrendo com a imposição do modelo escolar hegemônico. Apesar disso, os saberes indígenas são expressados, circulam e dialogam com os saberes de viés ocidental, pois os indígenas vivem a escola enquanto um entre-lugar (Bhabha, 2014) que abre espaços para tensões, negociações e hibridizações entre diferentes epistemologias.

Nossa convivência com a comunidade mostra que os saberes e fazeres indígenas não se fundamentam no mundo moderno e sim nas formas próprias de existir, a partir da resistência e da coletividade vivenciados cotidianamente em seus territórios, Mato (2008, p. 110) ressalta “[...] Entonces, estudiar y comprender estas sociedades como conjuntos exige saber de esos ‘otros mundos’”. Dessa maneira,

as metodologias indígenas, desenvolvidas em interação com a comunidade, se mostram ferramentas importantes no sentido de melhorar a compreensão sobre o nosso entorno e sobre o convívio e o diálogo entre as diferentes culturas.

3 DIÁLOGOS ENTRE TECNOLOGIAS SOCIAIS E OS PROCESSOS PRÓPRIOS DE APRENDIZAGENS GUARANI E KAIOWÁ

Para que o diálogo de saberes entre os conhecimentos indígenas e os conhecimentos produzidos pela tradição científica ocidental se concretize no contexto da educação escolar, é necessário, antes de tudo, reconhecer que os sistemas de conhecimentos indígenas constituem formas legítimas de produção, organização e transmissão do saber. Esse reconhecimento ultrapassa a ideia de mera valorização cultural ou respeito à diversidade, exigindo a compreensão de que esses conhecimentos possuem fundamentos epistemológicos próprios e oferecem contribuições indispensáveis para a compreensão da realidade e para o enfrentamento dos desafios contemporâneos.

Nessa perspectiva, o diálogo de saberes pressupõe uma relação de reciprocidade, na qual todos os sujeitos envolvidos se reconhecem como capazes de ensinar e aprender. Como afirmam Salinas, Ishizawa e Tréllez (2016, p. 10), *“un requisito básico de ese diálogo es el reconocimiento del Otro como persona de quien podemos aprender”*. Assim, o outro deixa de ocupar o lugar de objeto de estudo ou de destinatário de políticas educativas e passa a ser reconhecido como sujeito produtor de conhecimentos, experiências e racionalidades que enriquecem a construção coletiva do conhecimento.

Reconhecer que temos que aprender com os conhecimentos indígenas é um passo fundamental para construir uma educação mais inclusiva, resiliente e sustentável, capaz de enfrentar os desafios contemporâneos, com uma visão mais ampla e integrada às mais diversas formas de produção do conhecimento humano. Isso implica numa mudança de padrões que, historicamente, tem colocado os saberes indígenas à margem, tratando-os como inferiores, exóticos ou crenças, em relação ao conhecimento científico moderno/ocidental, como diz Santos (2007).

Assumir que há muito a aprender com os povos indígenas implica questionar a hierarquização epistemológica produzida pela modernidade ocidental, que historicamente classificou os conhecimentos indígenas como inferiores,

folclóricos, exóticos ou meramente crenças, em oposição ao conhecimento científico. Conforme argumenta Santos (2007), essa lógica resulta de um processo de produção de ausências, no qual apenas determinadas formas de conhecimento são reconhecidas como legítimas, enquanto outras são invisibilizadas ou desqualificadas.

Nesse sentido, promover o diálogo de saberes na educação escolar significa criar condições para que diferentes epistemologias e cosmovisões convivam em uma relação horizontal, sem que uma pretenda substituir ou validar a outra. Trata-se de reconhecer a pluralidade epistemológica existente na sociedade e de construir práticas educativas interculturais que ampliem as possibilidades de compreender o mundo, fortalecendo uma educação comprometida com a justiça cognitiva, a sustentabilidade e o respeito às diferentes formas de produzir conhecimentos.

As tecnologias sociais Guarani e Kaiowá se apresentam como um potencial de transformar a educação escolar (não só indígenas) ao romper com a hierarquização imposta pela colonização e enraizada pelo pensamento ocidental, oportunizando a troca de saberes e a participação entre conhecimentos construídos sob diferentes epistemologias e cosmologias, de acordo o tempo e espaço que se encontram. Lembrando que o modo de conceber o tempo e espaço para os Guarani e Kaiowá se difere da lógica ocidental, a qual compreende o tempo numa ordem linear e o espaço em limites definidos, como explica Lescano (2024, p. 7):

[...] para o Guarani Kaiowá (Tavyterã) a categoria de *ára* ou *áry* expressa conjuntamente às noções de tempo e espaço. Essa conjugação de tempo e espaço se desdobra em outras consequências: a passagem do tempo implicaria na interconexão de diversos tempos e espaços ara, pensados como habitados por diversas categorias de seres, distribuídos em distintos patamares de existência. Todos os patamares que mobilizam o tempo e espaço – ára estariam associados a um modo próprio de existir, que se produz em espaço distinto, e que reúnem as condições apropriadas à produção desse modo de existir. Num corte sincrônico, conviveriam em um mesmo momento várias temporalidades, conectadas entre si e estabelecendo influências múltiplas.

Nesse aspecto, observa-se que os saberes, para os Guarani e Kaiowá, são produzidos dentro de um tempo/espaço que se difere da linearidade do espaço e tempo ocidental, sendo fundamental compreender que seus saberes são organizados segundo uma concepção própria de tempo e espaço — uma temporalidade

cíclica, vinculada aos ritmos da natureza, à espiritualidade e à coletividade, e uma espacialidade que não é fragmentada por fronteiras físicas, mas construída na relação com o território, com a memória e com a ancestralidade. Essa perspectiva contrasta com a lógica ocidental, que tende a compreender o tempo como linear e o espaço como um território delimitado e funcional, em que o passado é visto como fatos e acontecimentos que servem apenas como referências para ações presentes e futuras.

Desse modo, o aprender na Pedagogia Guarani não é uma tarefa escolar ou institucionalizada, mas algo que acontece no tempo e espaço da vida, respeitando os ritmos e tempos necessários para o desenvolvimento de cada um. Nesse sentido, Lescano (2016, p. 31) enfatiza que:

A educação vem recheada de significados, como remédios tradicionais, ben-zimentos, determinados tipos de cantos e rezas, a forma de construir as casas e os tipos de materiais para fazer os artefatos, bem como o aconselhamento que vem como ensinamento de como se comportar em diversos espaços, para entrar e sair, para participar de determinadas decisões e ações, para se preparar para o futuro, para resolver problemas e dificuldades. Mas isso é transmitido no decorrer das fases da vida.

Esses são assuntos complexos, que atravessam as práticas indígenas, que envolvem o território, a espiritualidade e a educação Guarani, que precisam ser levados para o contexto escolar, pois, lembrando Melià (2001, p. 64) “la escuela es un pedacito solamente de la educación indígena, no és toda la educación indígena”. Dessa forma, verifica-se que a escola é assumida numa comunidade indígena com o intuito de compreender os conhecimentos não indígenas, traduzindo-os e interpretando-os por meio da-lógica/cosmovisão indígena.

E, considerando a escola indígena como um elemento fundamental para nossas reflexões, sendo um local privilegiado para outros saberes, apresentamos algumas considerações, no contexto das tecnologias sociais, no intuito de se estabelecer um diálogo de saberes com os processos próprios de aprendizagens Guarani e Kaiowá para que estes possam contribuir significativamente à outras áreas de conhecimentos, tais como: educação, ciência, tecnologia, saúde, economia e meio ambiente, – não como soluções prontas, mas como alternativas de reflexões cotidianas, para a construção de perspectivas para a produção de novas tecnologias sociais a partir dos processos próprios de aprendizagens Guarani e Kaiowá, que respeitam as especificidades culturais e sociais de cada contexto,

por incorporar valores, tradições e as experiências das comunidades indígenas, destacando a importância dos saberes e fazeres locais, com a participação e vivência da comunidade.

No que diz respeito à educação, entendemos que é preciso aprender com os saberes indígenas; esse é um processo que implica aprender com as epistemologias indígenas, em vez de apenas estudar sobre elas como objetos de pesquisas. Afirmamos, com isso, que é necessário valorizar a perspectiva indígena como fonte legítima de conhecimento, capaz de dar respostas e oferecer soluções para os problemas contemporâneos, trazidos pela modernidade e a lógica capitalista.

Se, em um determinado tempo, isso não foi possível, hoje esta possibilidade se concretiza, diante das conquistas legais que se fizeram pós Constituição Federal de 1988 – , entre outros documentos legais e jurídicos que garantem o direito de os povos indígenas viverem de acordo com suas diferenças e organizações sociais específicas. Nessa direção, Domingues (2021, p. 99) enfatiza que “[...] a mesma Escola que no início do século XX foi usada na tentativa de extinguir o *Ava* enquanto cultura, hoje em dia se torna uma ferramenta essencial para o fortalecimento dos saberes e da língua”.

À vista disso, observa-se que ainda há a necessidade criar espaços de aprendizagens, onde as comunidades indígenas sejam protagonistas na construção de currículos, metodologias e práticas pedagógicas, valorizando os saberes indígenas a partir dos seus sistemas de conhecimentos, em que suas formas de ensinar e aprender possam estar integradas nos contextos escolares e educativos de outras sociedades.

Segundo Lescano (2024, p. 113) os saberes indígenas “[...] Necessita de divulgação contínua para aprendizagens da nova geração, são conhecimentos próprios do povo, é uma competência e habilidade que precisa ser fortalecida por meio da oralidade e da escrita”.

O currículo escolar precisa ser enriquecido com práticas que fazem parte de diferentes saberes, principalmente por meio da oralidade de saberes, os quais não são sistematizados de acordo com a lógica ocidental, mas que têm sistemas próprios de repassar conhecimentos recorrendo a memória, a história, a línguas e as tradições que fazem parte dos saberes e fazeres de diferentes culturas, no qual as tecnologias sociais podem servir como alternativas para desenvolver materiais educativos, como vídeos, áudios e recursos interativos entre o tradicional

e o contemporâneo. Sobre esse aspecto, o professor C.P.L. (Caderno de Campo, Aldeia Taquaperi – Coronel Sapucaia – MS, 12/08/2023) adverte que “[...] Dialogar com conteúdo que vem de fora a partir ‘daqui’ da aldeia, esse é o grande desafio”.

Essas experiências não apenas beneficiam as comunidades indígenas, mas também podem inspirar formas alternativas inovadoras de pensar e vivenciar o mundo, contribuindo com propostas que interessam igualmente à sociedade não indígena, sobretudo em tempos de crises econômicas, ambientais, tecnológicas, sociais e culturais. O reconhecimento de modos outros de saber e de conhecer, como processos legítimos de conhecimentos, é um passo importante para a superação da monocultura do saber (Santos, 2007) e para a construção de uma ciência mais inclusiva e situada conforme as especificidades e particularidades locais.

Segundo o professor R.K. (Caderno de Campo, Aldeia Taquaperi – Coronel Sapucaia – MS, 19/09/2024): “[...] a ciência no livro didático não muda, o que muda são os conteúdos, as figuras. O que além da verdade existe? O que existe além daquilo que está posto? Nós somos retalhos, pedaços de conhecimentos indígena, ocidental – daquilo que nos é ensinado”. Conforme Quijano (2005, p. 15), podemos dizer que isso “[...] faz da América Latina um cenário de des/encontros entre nossa experiência, nosso conhecimento e nossa memória histórica”.

Segundo W.K. (Caderno de Campo, Aldeia Taquaperi – Coronel Sapucaia – MS, 13/02/2025):

[...] a escolha do livro significa um aceite. Muitos acabam sendo guardados, não são utilizados. [...] o livro não traz os saberes dos povos indígenas, as vezes traz apenas as histórias, muito superficial e de outros povos ainda. Nem é do povo Kaiowá. [...] o espaço que os livros dedicam para expressar a história indígena, não é suficiente para explicar muito menos contextualizar sobre historicidade do povo Kaiowá.

Os recortes da pesquisa de campo dialogam com argumentos de Santos (2007, p. 26-27), em especial quando ele pontua que:

[...]. Em muitas áreas da vida social, a ciência moderna tem mostrado uma superioridade indiscutível em relação a outras formas de conhecimento. Existem, no entanto, outras formas de intervenção no real que hoje são valiosas e para as quais a ciência moderna nada contribuiu.

Embora a educação Guarani e Kaiowá ainda enfrente desafios em função da imposição de modelos educacionais ocidentais –, que, em muitos casos, não são

regulamentados ou respeitam as práticas e os saberes tradicionais – , as comunidades indígenas têm buscado uma educação diferenciada, que contemple as suas formas de aprendizagem e respeite as suas culturas, como forma de resistência ao colonialismo e à marginalização de seus saberes. Assim, tal , como enfatiza Lescano (2021, p. 30) “[...] apesar de tantas mudanças culturais, os *ñanderu* e os anciões estão aí para mostrar que resistem, mantendo suas práticas tradicionais, muitas vezes invisíveis aos olhos de quem não quer ver”.

Segundo nessa perspectiva, E.K. (Caderno de Campo, 12/08/2023) relata que:

[...] a escola indígena precisa retomar essa espiritualidade, Guarani. É muito forte. Para ser forte, precisa retomar o espírito Guarani e Kaiowá. Guarani é coletivo, sem coletivo, sem coletividade, a escola não vai funcionar, a alegria, viver bem, nas escolas. Movimento tem que acontecer na escola, procurar outros modos.

Para isso, é preciso promover uma mudança de olhar e respeito às diferentes epistemologias e cosmologias, tendo em vista que os saberes indígenas não se enquadram facilmente nas categorias dos conhecimentos ocidentais, de forma que muitas vezes incluem dimensões espirituais, comunitárias e cosmológicas que são centrais para esses povos. Segundo a professora L.K. (Caderno de Campo, 19/09/2024) “*Os saberes indígenas abrangem todo o ser Guarani/Kaiowá, são processos... são coisas que andam / caminham em comunidade*”.

Nesse sentido é preciso reconhecer a legitimidade dos saberes indígenas como sistemas próprios de produção de conhecimentos, constituídos a partir de epistemologias e cosmologias que diferem da tradição científica ocidental, sem que isso implique menor validade ou relevância. Esses conhecimentos expressam uma profunda compreensão das relações entre território, natureza, comunidade e espiritualidade, materializando-se em práticas como a medicina tradicional, o manejo sustentável do território, os processos de organização social e as formas próprias de educar e cuidar da vida. Tais práticas integram a pedagogia indígena e configuram tecnologias sociais construídas coletivamente ao longo das gerações, fundamentadas na experiência, na ancestralidade e na observação do ambiente. Sua transmissão ocorre, sobretudo, por meio da oralidade, da convivência comunitária e da participação nas atividades cotidianas, nas quais crianças, jovens e adultos aprendem vivendo, observando, fazendo e compartilhando conhecimentos no interior da comunidade.

A partir das observações e da convivência junto à comunidade da Aldeia Taquaperi, tem sido possível perceber que a escola se torna um território de resistência e tradução cultural, no qual os conhecimentos Guarani e Kaiowá se manifestam cotidianamente e sustentam práticas educativas próprias. Entre as experiências observadas, destaca-se a realização de rodas de conversa com os mais velhos, lideranças e rezadores, os quais compartilham histórias e memórias com os mais novos. São momentos em que a pedagogia guarani atua reafirmando a importância da oralidade como forma legítima de transmissão do conhecimento.

Nesse processo, a língua Guarani é um aspecto central da educação, já que ela é o veículo principal de transmissão dos saberes e de reforço da identidade cultural. Para tanto, nas análises dos enunciados produzidos pelos professores da Aldeia Taquaperi, foi possível constatar que os saberes indígenas atravessam o espaço escolar por meio da língua (oralidade), de forma a carregar os valores e os conhecimentos do modo de ser e fazer Guarani e Kaiowá, ou seja, trata-se de existir dentro de um universo linguístico, no qual a língua se mostra como um dos elementos que conecta o mundo físico e espiritual.

E quando a escola, por vezes, se transforma em extensão da casa de reza, em que rituais como *Guachiré* e o *Guahu* são praticados, observa-se que a espiritualidade Guarani e Kaiowá não está afastada da educação formal. Essas experiências nos permitem compreender que, mesmo dentro de um sistema que tende à homogeneização e padronização do conhecimento, os povos indígenas seguem reinventando a escola como um espaço intercultural, espiritual e político – onde as tecnologias sociais indígenas seguem sendo praticadas e transmitidas no cotidiano.

A ciência pensada e criada pelo viés ocidental, é entendida como um conjunto organizado e sistematizado de conhecimentos, construídos a partir da observação, da experimentação e da análise crítica da realidade, com o objetivo de compreender, explicar e transformar o mundo. Esta concepção, deixou de lado muitos outros saberes que estão presentes na vida das pessoas e que a modernidade silenciou por não se enquadrarem nos critérios que a ciência inventou para torná-los legítimos.

Esses saberes, marginalizados pelo pensamento científico hegemônico, oferecem possibilidades concretas para a construção de alternativas mais sustentáveis, socialmente justas e culturalmente respeitadas. Assim sendo, valorizá-los significa reconhecer que há múltiplas maneiras de compreender o mundo e

de produzir conhecimentos, ampliando, assim, o horizonte de soluções para os desafios contemporâneos.

Segundo Eliel (2014, p.37)

A ciência, para os Guarani e Kaiowá, não é compreender o mundo a partir de uma análise mecanicista, física e reducionista da natureza, mas entender a representação da natureza como a parte física visível que é parte de um mundo que se estende ao mundo invisível, ou seja, o funcionamento da natureza é estimulado a partir do mundo espiritual e, nesse contexto, o sujeito indígena busca o seu trânsito entre esses dois mundos.

Portanto, trazer à tona essas outras formas de produzir ciência — que envolvem conhecimentos tradicionais, saberes ancestrais e práticas comunitárias — é fundamental para a preservação da biodiversidade, da cultura e da identidade de muitos povos. Entretanto, o professor C.P.L (caderno de campo, 12/08/2023) adverte que “[...] a escola indígena se ‘confunde’”. Confunde identidade indígena com a outra ciência, que não é própria do indígena; e o desafio está em fazer essa relação entre os dois. O nosso jeito não entra na avaliação da escola. Não tem como avaliar”.

Os processos próprios de aprendizagens Guarani e Kaiowá, os quais podemos compreender como tecnologias sociais, estão presentes no cotidiano da escola e nas práticas pedagógicas, embora muitas vezes não sejam explicitamente planejados, nomeados ou sequer percebidos — inclusive pelos próprios professores —, atravessam as rotinas escolares e os modos de ensinar e aprender, como expressões vivas das compreensões de mundo dos povos Guarani e Kaiowá.

É neste sentido, que as tecnologias sociais servem como uma ponte e elo entre o conhecimento tradicional e as ferramentas contemporâneas. No contexto escolar, essas tecnologias podem ser utilizadas como ferramentas interativas para conectar os estudantes — indígenas e não indígenas — com os saberes indígenas, oferecendo novas perspectivas para outras aprendizagens, que estejam relacionadas ao cuidado com terra, no cultivo das roças e das ervas tradicionais para o tratamento de doenças, na preservação das matas e dos recursos que a natureza oferece para o bem viver, nos rituais e nas rezas que orientam o modo de ser Guarani e Kaiowá e principalmente o uso da língua e da oralidade, por ser um elemento fundamental para vitalidade da cultura Guarani e Kaiowá.

Seguindo nessa perspectiva, o professor A.K (12/08/2023) explica que:

[...] a escola indígena tem três coisas: é **bilíngue**, porque fala o guarani e o português; é **intercultural**, porque ensina a cosmologia do povo e o científico, e o professor tem que saber pra poder ensinar; e é **diferenciada** [a escola] não é dos indígenas, mas está nas mãos dos indígenas.

Tendo como parâmetro a organização social Guarani e Kaiowá, em que os processos próprios de aprendizagem estão profundamente enraizados na cultura, identidade e organização social dessas comunidades, nos modos de ser e estar no mundo, de acordo com suas cosmologias, entende-se que eles oferecem alternativas para uma sociedade mais justa e igualitária, a qual vai contra os padrões hegemônicos e capitalista, que tem como base o individualismo. Assim, defende-se a necessidade de se ter currículos que integrem saberes indígenas e os conhecimentos locais no contexto escolar, promovendo uma educação baseada nos princípios comunitários, espirituais e territoriais que sustentam sua identidade e o modo de vida Guarani e Kaiowá, marcada pela coletividade, pela centralidade da espiritualidade e pela valorização do território como espaço para produção dos saberes indígenas.

Em sentido semelhante, Lescano (2021, p. 42/43) enfatiza que:

[...] hoje, as comunidades indígenas estão muito perturbadas com a influência do tipo de produção capitalista baseada no dinheiro, assim como outras populações empobrecidas. E, no caso da produção agrícola, parece que não estão se dando conta de que, num tempo muito próximo, não teremos mais o que comer, pois o que se cultiva são monoculturas (de soja, milho, cana, eucalipto, gado, no MS), e as aldeias indígenas estão cercadas com este tipo de produção que contamina e empobrece o solo.

Nesses processos, o diálogo de saberes se mostra como essencial, ao evidenciar a importância de uma sociedade voltada para uma perspectiva coletiva, no bem comum e bem viver, onde todos possam ter os mesmos acessos e direitos. É preciso compartilhar esses saberes e experiências, documentando e criando repatórios acessíveis para estudantes, pesquisadores e para a sociedade, ampliando o acesso à diversidade de formas de conhecer e viver no mundo.

Diferente da estrutura hierárquica predominante na sociedade ocidental, a organização desses povos se dá de maneira mais horizontal, baseada no consenso e na coletividade. Nesse sentido, como ressalta Lescano (2024, p. 126):

A sustentabilidade econômica precisa ser desenhada pela comunidade, não com pensamentos de produção mecanizada, capitalista, individualista e sim,

com produção em que a família poderia ter o que consumir no pequeno espaço que temos. Transformar o espaço que ainda nos resta no espaço de bem viver, alegre e proveitoso, cultivar novamente e ensinar isso à nova geração, que, mesmo no espaço pequeno, não deixamos que mude essa mentalidade própria que os Guarani têm, de buscar sempre *yvy marãney* (terra sem mal). Sejamos capazes de agir de modo coletivo que foi o melhor tempo que os nossos antepassados viveram. Sejamos criativos e que possamos sempre apresentar e surpreender a nossa jovem geração para viver melhor com todas as estruturas e condições e conexões e contatos que tivermos.

Os processos próprios de aprendizagem dos Guarani e Kaiowá refletem suas visões de mundo, valores culturais e formas de organização social. Essas práticas são profundamente enraizadas na interação com a natureza, onde as pessoas aprendem sobre o uso sustentável da terra, o ciclo das estações, as plantas medicinais e os rituais de respeito e agradecimentos à natureza. Esses conhecimentos são essenciais para a sobrevivência física e espiritual da comunidade. Percebe-se que a roça tradicional possui estreito vínculo com a natureza ao observar como a terra deve ser cultivada, como preservar os recursos naturais e como respeitar os espíritos que habitam o território.

Os Guarani e Kaiowá possuem um conhecimento profundo sobre os seus territórios e as suas práticas tradicionais, o que possibilita fazer uso sustentável dos recursos naturais e –contribui para a preservação da biodiversidade do lugar em que vivem. No amplo conjunto de conhecimentos dos povos indígenas são encontradas, alternativas de desenvolvimento sustentável para a sociedade e os problemas ambientais causados pelas inovações ocidentais/modernas, que trazem imensas consequências sociais, ambientais e culturais.

Tendo em vista que os processos próprios de aprendizagem dos Guarani e Kaiowá estão profundamente ligados às práticas sustentáveis de manejo da terra, diferente da visão ocidental de exploração dos recursos naturais, os conhecimentos tradicionais indígenas favorecem uma relação respeitosa com a natureza e, promovem práticas de manejo ambiental que não são predatórias. Desse modo, aprender com esses saberes requer abrir-se para entender o mundo a partir de outras lógicas de pensamento, onde o ser humano está integrado com a natureza a produção do conhecimento é um processo coletivo e relacional.

Lescano (2021, p. 20) destaca que é:

[...] importante saber a origem e o manejo de técnicas não indígenas utilizadas atualmente nas reservas, mas utilizá-las, respeitando nossos valores, sabendo quais são as consequências de se apropriarem delas, se não souber seus usos corretos. O mais importante é estar consciente disso, agregando estas técnicas aos nossos saberes, porque também possuem bastante relevância para a saúde e o bem estar da população indígena de Mato Grosso do Sul.

Seguindo nessa perspectiva, os processos próprios de aprendizagens Guarani e Kaiowá refletem suas visões de mundo, valores culturais e formas de organização social próprias, as quais estão profundamente enraizadas na interação com a natureza, nas tradições orais e comunitária, transmitidas de maneira integrada e participativa.

Dessa forma, as tecnologias sociais, por meio dos processos próprios de aprendizagens Guarani e Kaiowá, podem ser mediadores para um diálogo de saberes que reconhece, valoriza e articula diferentes epistemologias, contribuindo para a construção de práticas educativas mais plurais e territorialmente situadas, tal como exemplifica Lescano (2021, p. 16):

Hoje, percebemos que a educação escolar indígena é um meio para saber manejar outros recursos tecnológicos, como os meios eletrônicos de comunicação, a escrita, a leitura e a compreensão do mundo e do raciocínio dos não índios. Assim, aprendemos a lutar por direitos iguais e pela retomada de nossas terras, divulgando nossas histórias, valores e conhecimentos, através dos estudos antropológicos, sociológicos, filosóficos e linguísticos, fortalecendo a nossa ciência e a nossa raiz, que é a língua Guarani, que, mesmo sendo dinâmica, ela é a nossa identidade cultural como Guarani ou Kaiowá.

Promover uma aproximação com as tecnologias digitais no contexto escolar, enquanto uma ferramenta pedagógica, é importante, pois, para o professor C.P.L. “[...] os computadores, os conteúdos ocidentais estão na vida da gente, não tem como soltar. Isso que temos que repensar (Caderno de campo, 12/08/2023)”.

Conforme a fala do professor, cabe reconhecer que a inovação não significa apenas avanço tecnológico. Ela compreende, sobretudo, a capacidade de apropriação crítica de novos conhecimentos e ferramentas para fortalecer e preservar a educação tradicional Guarani e Kaiowá diante das novas realidades digitais. Nesse sentido, as tecnologias contemporâneas podem ser ressignificadas e articuladas aos conhecimentos ancestrais, favorecendo a construção de soluções socialmente sustentáveis e culturalmente contextualizadas.

Essa perspectiva evidencia que os processos próprios de aprendizagens desempenham um papel fundamental, ou seja, onde os saberes estão ligados à terra, enraizados na oralidade, na coletividade, na escuta da natureza e na experiência vivida em comunidade, oferecendo não apenas uma forma de produzir conhecimento, mas uma cosmovisão que integra saber, ser e conviver. A análise de Lescano (2024, p. 123) contribui para a compreensão das mudanças que marcam as vidas indígenas, e que são incorporadas às práticas cotidianas:

A questão dos objetos da cultura material ou aquisição de objetos externos e manipulação de tecnologias externas não modificam os valores imateriais culturais e espirituais dos Tavyterã, ao contrário, fortalecem mais ainda, a falta de práticas tradicionais é a necessidade que precisa ser preenchida novamente com atividades dos rezadores.

Essa compreensão também se evidencia na fala do professor A.K. (Caderno de campo, 19/09/2024), “[...] É preciso reconhecer a espiritualidade Guarani como produtora de conhecimento. Como algo, coisa que nos move para compreender o que está aí [...]”. A partir dessa perspectiva, compreende-se que a espiritualidade permeia todas as dimensões da vida Guarani e Kaiowá, constituindo um fundamento epistemológico de seus processos educativos. Os rituais realizados na casa de reza, por exemplo, configuram-se como espaços privilegiados de produção, transmissão e atualização dos conhecimentos, nos quais são compartilhados valores relacionados ao respeito ao sagrado, à coletividade, à ancestralidade e às responsabilidades de cada pessoa na comunidade.

Desse modo, a espiritualidade Guarani é um princípio organizador do saber Guarani e Kaiowá, não se separa mundo físico do espiritual, da educação, da relação com o território ou da convivência com os outros seres — humanos e não humanos.

Assim, é preciso desconstruir a visão colonialista que reduz esses saberes a uma dimensão folclórica ou exótica, atualizando-os como conhecimentos dinâmicos, atuais e necessários para a humanidade. E como as tecnologias podem ajudar?

Ao reconhecer as tecnologias sociais por meio dos processos de aprendizagens Guarani e Kaiowá como legítimas formas de produção de conhecimento, abre-se espaço para uma escuta mais atenta, sensível e relacional, necessária para compreender outras formas de estar no mundo — que valoriza a diversidade epistêmica e fortalece processos de reexistência e autonomia dos povos indígenas.

Para isso, o diálogo de saberes não deve ser visto como uma via de mão única, mas como um processo de transformação mútua, onde tanto os saberes indígenas quanto os conhecimentos ocidentais se enriquecem e se transformam e podem transformar a sociedade para uma vida mais sustentável, sob novas perspectivas e soluções que de outra forma permaneceriam invisíveis.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias sociais, por meio dos processos próprios de aprendizagens Guarani e Kaiowá, se apresentam como uma proposta importante para compreender o equilíbrio entre saberes indígenas e ocidentais, os quais permitem contextualizar as representações sociais e as práticas de coletivas desenvolvidas em grupo, envolvendo conhecimentos sociais, não apenas como instrumentos técnicos, mas como expressões de processos coletivos que valorizam os conhecimentos locais, as práticas ancestrais e a participação comunitária considerando as necessidades e condições próprias de cada localidade.

As nossas experiências/vivências com essa comunidade foi possível perceber, por meio do diálogo de saberes, no contexto das tecnologias sociais e dos processos próprios de aprendizagens Guarani e Kaiowá, que é possível avançar na elaboração de propostas centradas na comunidade, utilizando meios e recursos de maneira sustentável para produzir, transmitir e ressignificar conhecimentos no contexto sociocultural em que vivem.

Desse modo, observamos que os saberes indígenas e ocidentais se complementam no espaço escolar e para além dele na comunidade, diante das suas diferenças epistemológicas e cosmológicas de vivenciar o mundo, a partir dos seus processos próprios de aprendizagens, os quais produzem conhecimentos sobre pedagogias outras, metodologias outras e saberes outros, podendo infiltrar-se nas reflexões e ressignificação de currículos e práticas para além de suas fronteiras.

Para tanto, como posto acima, o desafio ainda está em distanciar de lógicas e padrões eurocêntricos construídos em nossas experiências de vida e principalmente, escolar, para permitir a compreensão de como as ciências explicam o conhecimento que são produzidos a partir de epistemologias e cosmologias próprias.

Nesse sentido, as tecnologias sociais ou os processos próprios de aprendizagens indígenas, desenvolvidas e produzidas em interação com a comunidade,

podem ser uma ferramenta importante e significativa no sentido de colaborar com outras formas de ver, compreender e se movimentar no campo da pesquisa.

O diálogo de saberes busca a interação entre diferentes formas de conhecimentos – indígenas e ocidentais – para a construção conjunta de alternativas mais sustentáveis que respeitem diferentes perspectivas de vida diante dos desafios globais.

Diante disso, se faz necessário a elaboração de estratégias que integram práticas ancestrais e contemporâneas, garantindo que cada cultura contribua com sua visão de mundo, sem ser reduzida ou descaracterizada, ampliando perspectivas sobre conhecimento, inovação e sustentabilidade.

Assim sendo, é possível construir alternativas compartilhadas e em conjunto, respeitando a diversidade de experiências e vivências locais para diversas áreas de conhecimentos, tais como: educação, ciência, tecnologia, saúde, economia, meio ambiente, aproveitando o conhecimento profundo que muitas dessas culturas têm sobre a natureza, as relações sociais e os meios de sustentabilidade desenvolvidos por elas.

Os processos de aprendizagem dos Guarani e Kaiowá são holísticos, coletivos e profundamente ligados à sua relação com a natureza e à espiritualidade, que resistiram aos mais diversos modelos eurocêntricos de educação, preservando seu conhecimento tradicional e que, mesmo diante das imposições do mundo moderno capitalista, continuam transmitindo seus valores por meio da oralidade, da observação e da participação ativa nas práticas comunitárias. Nesse sentido, é importante destacar que estes saberes e fazeres oferecem lições importantes sobre sustentabilidade, respeito à diversidade e convivência harmônica com a natureza e com a comunidade em que vivem por meio da coletividade, possibilitando contribuir para um diálogo intercultural mais amplo na sociedade contemporânea.

Essas abordagens são fundamentais para uma educação transformadora, que não apenas informa, mas também forma para a convivência em sociedades complexas e diversificadas, onde a produção de conhecimento é vista como um processo colaborativo e inclusivo, capaz de transformar realidades sociais e culturais numa perspectiva outra.

Para que isso seja possível, é preciso tornar visível as possibilidades de um sistema educativo que valorize e respeite os conhecimentos tradicionais como ciência, pautando esses saberes no campo da pedagogia indígena, trazendo o

sentido e o significado no qual essas pedagogias são produzidas, possibilitando dialogar com outras áreas de conhecimentos.

Isso se configura como um dos grandes desafios para pensar as políticas públicas educativas na contemporaneidade: de deslocar-se para outros contextos, os quais estão presentes no cotidiano escolar e promover o diálogo e o encontro de saberes, sem anular as diferenças epistemológicas e cosmológicas na produção dos conhecimentos. Ou seja, significa sair da centralidade dos padrões modernos e eurocêntricos e abrir espaço para outros modos de pensar, ser e estar no mundo, o que envolve reconhecer diferentes formas de produzir conhecimentos, epistemologias e cosmologias que orientam o viver e o aprender de diferentes grupos sociais.

REFERÊNCIAS

BENITES, Eliel. *Oguata Pyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da aldeia Te'ýikue*. 2014. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, 2014.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DAGNINO, Renato. *Tecnologia social: contribuições conceituais e metodológicas*. Campinas Grande: EDUEPB, 2014.

DOMINGUES, Witor Rocha. *Kaiowa Rekopy Áry: modo de ser Kaiowa no tempo/espaço*. 2021. (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, 2021.

LESCANO, Claudemiro Pereira. *Ára Ypy – O Tempo e Espaço: noções de temporalidade e espacialidade do povo Tavyterã*. (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, 2024.

LESCANO, Claudemiro Pereira. *Tavyterã Reko Rokyta: os pilares da educação Guarani Kaiowá nos processos próprios de ensino e aprendizagem*. 2016. 108f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, 2016.

LESCANO, Marcilene Martins. *Roças Kaiowá: cuidados práticos, rituais e técnicas de cultivo na reserva Taquaperi*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, 2021.

MATO, Daniel. No hay saber “universal”, la colaboración intercultural es imprescindible. *Alteridades*, [S. l.], v. 18, n. 35, p. 101-116, 2008.

MELIÀ, Bartomeu. ¿Educación para indígenas o educación indígena? *In*: PRIMER CONGRESO NACIONAL DE EDUCACIÓN INDÍGENA EN EL PARAGUAY, 2001. Teko Porá Rekávo. Asunción: [s. n.], 2001.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 9-31, 2005.

SALINAS, Tereza; ISHIZAWA, Jorge; TRÉLLEZ, Eloísa. La crianza de la vida en los Andes Centrales del Perú. Diplomado en “Biodiversidad y saberes interculturales”. *In*: CONGRESO MUNDIAL POR EL PENSAMIENTO COMPLEJO [Los desafíos en un mundo globalizado], 2016. *Proceedings* [...]. Paris: UNESCO, 2016. Disponível em: https://www.reseau-canope.fr/fileadmin/user_upload/Projets/pensee_complexe/salinas_ishizawa_trellez_crianza_vida_andes_centrales.pdf. Acesso: 3 mar. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 79, out. 2007.

SARDELICH, Maria Emilia. TIC, TAC E TEP: tecnologias para empoderar e aprender. *UNISANTA Humanitas*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 22-31, 2012.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des)de el in-surgir, re-existir y re-vivir. *Educação On-Line*, Rio de Janeiro, n. 4, 2009.

Sobre os autores:

Marinês Soratto: Doutora em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestrado em Educação pela UCDB. Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professora na Rede Municipal de Educação (SEMED/MS). **E-mail:** marines.soratto@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-5445-9592>

Adir Casaro Nascimento: Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Graduada em Pedagogia pela Universidade

Católica Dom Bosco (UCDB). Professora no Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). **E-mail:** adir@ucdb.br, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-7488-6022>

Gustavo dos Santos Souza: Doutor em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com área de concentração em Epidemiologia. Mestre em Ciências pelo Programa de Saúde Pública e Meio Ambiente da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com área de concentração em Epidemiologia Ambiental. Especialista em Gestão da Organização Pública em Saúde pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e em Enfermagem do Trabalho pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Kursou o Online Training Program in Epidemiology for Public Health Managers pela Johns Hopkins University. Enfermeiro e licenciado em Enfermagem pela UFJF. Tecnologista Pleno do Ministério da Saúde, na Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Atuou como enfermeiro do trabalho na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, no Novo DEGASE. **E-mail:** gustaucdb@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0727-7980>

Recebido em: 08/05/2026

Aprovado em: 24/07/2026

